

“O que essa entrevista está documentando?”:  
entrevista com a professora Verena Alberti

Antonio Jerfson Lins de Freitas\*  
Cosma Silva de Araújo\*\*  
Telma Bessa Sales\*\*\*

**Palavras de forte sentido** como sensibilidade, humildade, ética, escuta, pluralidade dão o tom do diálogo entre a professora Verena Alberti e os estudantes Cosma Araújo, do curso de Mestrado em História (UECE), e Jerfson Lins, do Mestrado em Geografia (UVA Sobral), por ocasião do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral (9 a 12 de maio de 2017), ocorrido no Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza. Embora tenha sido intensa a programação do encontro (concentrado na temática *Ficção e poder: oralidade, imagem e escrita*), a professora encontrou tempo para ceder à gravação da entrevista, e dá uma valorosa contribuição ao estudo sobre a metodologia de pesquisa em história oral. Verena Alberti é professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na área de Métodos e Técnicas de Ensino

---

\* Graduado em História – Licenciatura Plena – pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e em Comunicação Social – Jornalismo – pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Norte do Paraná (Unopar) e estudante do Mestrado Acadêmico em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: jerfsonlins@gmail.com.

\*\* Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e estudante do Mestrado em História da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: cosmaaraujo@hotmail.com.

\*\*\* Graduada, mestre e doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Curso de História e do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: telmabessa@hotmail.com.

de História, e pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). Nesta entrevista, ela, sempre solícita e generosa, nos revela sua trajetória e suas opiniões sobre os caminhos que trilhou ao longo de anos dedicados a ricas pesquisas.

A entrevista a seguir traz ao leitor uma fração, pequena mas nem por isso menos interessante, da experiência de uma das mais renomadas pesquisadoras e defensoras da história oral. A sua fala oferece caminhos para que novos pesquisadores superem mais facilmente as dificuldades encontradas ao longo de suas trajetórias.

Na conversa com Cosma Araújo e Jerfson Lins, a experiente professora Verena Alberti chama a atenção para a permanência e atualidade de alguns dos desafios com que tem se deparado em suas pesquisas. São exemplos das limitações enfrentadas pelos pesquisadores a falta de apoio e de recursos para a utilização de equipamentos como câmeras filmadoras (pensando além do uso do gravador de áudio), que se somam às questões inerentes ao próprio ato de entrevistar, como o contato com possíveis interlocutores, os procedimentos de transcrição das narrativas etc. Outros temas tratados na entrevista, como as ações do Movimento Negro, que nos anos 2000 se destacou nas lutas e reivindicações por políticas sociais inclusivas como a reserva de vagas nas universidades, são apontados como possíveis objetos de pesquisa, reforçando a importância da história oral para a compreensão do presente.

As questões abordadas na entrevista estão na ordem do dia: se colocam em um momento de particular tensão na história do Brasil, com observáveis retrocessos de conquistas sociais, acompanhados de um aumento das intolerâncias, preconceitos e autoritarismos. No entanto, a ocasião favorece o repensar de nossas práticas, com a proposição criativa, adequada à dinâmica conjuntura que vivemos, de novas abordagens, novos temas, novas posturas, novas ações que envolvam novos protagonistas e novos segmentos sociais em favor do fortalecimento da democracia. Fazemos eco às palavras de Portelli (2000) quando afirma que a metodologia da história oral é uma extensão da política, uma alternativa crítica frente aos desafios do século XXI no enfrentamento dos pensamentos dominantes, na defesa do diálogo e na luta por igualdade.

## Entrevista

**Jerfson Lins** – Hoje é dia 12 de maio de 2017, 16h38. Sou Jerfson Lins, estudante do Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú e, ao lado de Cosma Araújo, estudante do Mestrado em Histórias e Culturas da Universidade Estadual do Ceará, entrevistamos a professora Verena Alberti, que participa do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral, aqui na Universidade Federal do Ceará. Essa entrevista será disponibilizada no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (Labome) da UVA. Professora Verena Alberti, como surgiu seu interesse pela história oral?

**Verena Alberti** – Na verdade, meu interesse pela história oral surgiu quando eu comecei a trabalhar, em 1985, no programa de história oral do CPDOC, e comecei então a me interessar pela metodologia. Ao mesmo tempo, eu estava fazendo Mestrado em Antropologia, e eu acho que a história oral reúne várias coisas de várias disciplinas. Ela pode ser aplicada em várias disciplinas. Mas ela também reúne instrumental teórico de várias disciplinas, como da própria história, da sociologia, da antropologia, da teoria da literatura. Então eu acho que eu aproveitei bastante os meus estudos de antropologia para entender essa aproximação do outro e a entrevista em si como algo mais do que apenas a gravação. Porque você tem que ter muitos cuidados éticos para se aproximar do entrevistado e da entrevistada. E cuidados também de saber ouvir. Por isso que um dos meus livros chama-se *Ouvir contar*,<sup>1</sup> porque eu estou ouvindo alguém contar. E eu acho que é importante essa interação de disciplinas na hora de você trabalhar com história oral. Então meu interesse surgiu por questões práticas mesmo, porque eu comecei a trabalhar. Eu já tinha trabalhado no CPDOC, mas em outros setores, e quando eu fui então contratada como pesquisadora, eu fui contratada nesse projeto de história oral.

**JL** – Professora, sobre o fazer história a partir da história oral, quais os desafios impostos pela transcrição das falas na linguagem textual? É que especialmente quando se trata de depoentes que não dominam a linguagem culta, ou muitas vezes nem dominam a língua escrita, existem muitos trejeitos, a

---

1 Alberti (2004).

linguagem coloquial, os regionalismos... Qual é o desafio para o historiador quando vai transcrever este tipo de linguagem?

**VA** – Eu ia te dizer que a melhor coisa é não transcrever [risos]. Porque assim você não tem esse desafio. Porque eu acho que, quando você não transcreve, mantém aquilo que é original, que é a gravação. A transcrição já é uma tradução daquilo que foi gravado. Então a melhor coisa, se você não pode deixar de transcrever, é fazer uma tradução para a linguagem escrita daquilo que foi gravado. Você pode manter a forma de falar, mas, dependendo do seu projeto, se o seu projeto for enfatizar muito, do ponto de vista linguístico, como as pessoas pronunciam as palavras, a sua transcrição tem que ser mais fiel ao fonema. Muitas vezes nós mesmos, quando achamos que falamos a língua culta, cometemos o que seriam talvez erros, do ponto de vista do uso culto da linguagem. A linguagem oral admite divergências em relação à linguagem escrita. Então, o que eu acho que precisamos fazer é tentar adaptar essa gravação à linguagem escrita. Isso significa que ela não fique estranha à leitura, porque, se isso acontece, seja porque você está rebuscando demais, seja porque você está deixando muitos indícios da gravação, as pessoas não conseguem ler. Quando, por exemplo, eu falo a palavra “seguinte”. Se você for transcrever “seguinte”, esse final “intch”... Se você quiser escrever “seguinte” como foi dito, você vai ter que escrever “tx” ou “tx”, sei lá como é que você vai fazer. Ninguém consegue ler algo que seja totalmente fiel aos sons que foram proferidos. Por exemplo, “proferidos”. Eu falo “proferidus, com “u” no final. Se você escrever “proferidus”, ninguém vai entender. Então você tem realmente que fazer uma “tradução” para o uso escrito da língua, para que aquilo não fique muito esquisito, muito estranho. E nisso você vai mudar. Tradutor, como já diz o sentido, tradutor é “traidor”... que você vai mudar. E a ideia que a gente tem de que as pessoas de camadas mais populares não falam de acordo com a norma culta... a gente tem vários casos de pessoas “de elite” que não falam de acordo com a norma culta. Então se você corrige o da elite, por que você não vai “corrigir”, entre aspas, a pessoa que está falando das camadas populares?

**Cosma Araújo** – Professora, e quanto à questão da análise da linguagem? Eu tenho sempre percebido nas minhas entrevistas que, ao usar áudio e vídeo, quando eu vou analisar a entrevista, eu não analiso apenas o transcrito. O que eu queria perguntar é que eu percebo a questão do riso, como

os trabalhadores incluem o riso na sua fala para explicar determinados acontecimentos ou eventos. Eu li um texto seu, já faz algum tempo, na época da graduação, que é a questão do riso na história oral, como que na oralidade o riso pode ser um elemento de análise também. Porque a gente foca muito no evento, no acontecimento, e a gente esquece esses elementos que o narrador introduz na sua fala, seja o choro ou o riso. O choro às vezes a gente entende um pouquinho melhor como trabalhar do que o riso. E o riso eu entendo, nas minhas entrevistas, que é fundamental na minha análise. Eu queria que você falasse um pouquinho mais sobre essa questão do riso na oralidade, principalmente quando é ligado a acontecimentos traumáticos ou que geram um tipo de ressentimento.

**VA** – E a pessoa ri quando na verdade ela queria chorar. Mas ela ri provavelmente para atenuar aquilo que ela está dizendo. Eu acho que a pessoa ri em diferentes circunstâncias e, no caso, não é riso de felicidade ou gargalhada, mas é o riso assim, como uma vírgula depois que a pessoa acabou de falar, um ponto, um parágrafo. Não é isso que ela está mostrando. Talvez o riso queira dizer o contrário do que a gente convencionalmente acha que é um riso. Então, acho que ninguém é melhor do que você para analisar suas entrevistas, o vídeo, para descobrir quais são essas nuances em que o riso aparece. A entrevista que eu mostrei hoje pela manhã na palestra, do José Gregori,<sup>2</sup> um trechinho pequeno, tem uma hora que ele fala dos problemas, de como as coisas estavam acontecendo durante o golpe de 1964, que eram bastante traumáticas, e ele ri. Na hora que ele vai falar “traumático”, ele ri. Estou aqui fazendo uma interpretação na hora, mas talvez com isso ele queira demonstrar, talvez, um distanciamento, que faz parte da própria relação de entrevista, porque você talvez queira poupar o seu interlocutor de tudo o que significa ser traumático. Então para poder manter a possibilidade de diálogo, se faz, talvez, o riso. Para poder dizer: “Olha, talvez nós dois, ou nós duas, estejamos de acordo que isso foi traumático, mas isso não pode nos impedir de ir adiante nessa conversa, né?” ou “não pode nos impedir de continuar vivendo”. Então eu acho que o riso tem vários significados. Há muito tempo eu vi um vídeo, eu já não me lembro bem, mas era uma pessoa falando (e é por isso que é importante você ter a imagem também, para você interpretar),

---

2 O trecho da entrevista (Gregori, 2009) foi exibido durante a fala da professora Verena Alberti na mesa redonda *Historiadores pela democracia e pela educação*.

e quando ela acaba de falar uma coisa, ela abaixa o olho, assim. E esse abaixar o olho, simples abaixar o olho já pode significar muitas coisas naquele momento. Então eu acho que você tem toda razão quando diz que é preciso considerar as coisas que não sejam da linguagem formal ou que são da linguagem corporal, não só os risos, mas também os gestos, as expressões...

CA – As mentiras, né? Janaína Amado<sup>3</sup> tem um trabalho que fala da invenção na história oral, a questão “o que é o mentir na história oral”, como as pessoas falam, inventam. O Manoel de Barros<sup>4</sup> diz: “Tudo que não invento é falso”. Eu lembro muito disso quando percebo as invenções dentro das entrevistas. Como você percebe essa questão da subjetividade e da mentira? Como você trabalha isso? Me indaguei sobre a questão ética de como eu colocar isso de forma que não os prejudicasse. Porque quando o narrador fala para você, ele cria uma imagem para você, e você dizer, de alguma forma no texto, mesmo que não seja tão claro, que o que ele fala é invenção, como a gente pode agir em relação a essa questão?

VA – É uma questão ética. Eu acho que você percebeu bem na sua prática. Estou vendo, Cosma, que você é também uma antropóloga, né? Que é aquilo que eu estava dizendo ser importante, você ter a sensibilidade de se aproximar de seu entrevistado, ou da sua entrevistada, e perceber coisas que não estão ditas, mas que também estão ditas. E, para isso, eu acho que a pessoa que trabalha com história oral tem que ser humilde. Ela não tem que achar que sabe tudo. Tem algumas pessoas que trabalham com história oral, que você vai ouvir a entrevista, às vezes a pergunta que ela faz é mais comprida do que sei lá o quê. Porque ela começa a falar assim: “Não, porque as configurações, a senhora não imagina, blablabá...”, e fala um monte de coisas bonitas e prolixas porque ele, o entrevistador, ou a entrevistadora, está sendo gravado e quer ficar bem na foto ali, ou na fita, ou na gravação. Enquanto a postura de quem trabalha com história oral tem que ser outra, tem que ser de aprender com aquela pessoa com quem está falando. Aprender exatamente para a

---

3 Amado (1995).

4 Manoel Wenceslau Leite de Barros (Cuiabá, 19 de dezembro de 1916 – Campo Grande, 13 de novembro de 2014) foi um dos mais aclamados poetas brasileiros do século XX. Enquanto ainda escrevia, Carlos Drummond de Andrade recusou o epíteto de maior poeta vivo do Brasil em favor de Manoel de Barros. Sua obra mais conhecida é o *Livro sobre nada*, de 1996.

sua tese, para a sua dissertação. É um outro aprendizado. Não é um aprender simples, é um aprender complexo. Afinal, você vai trabalhar aquilo como uma fonte. E por isso é muito importante você estar sensível, com todos os seus sentidos abertos, para poder perceber essas sutilezas, quando a pessoa desvia de uma pergunta. No caso, nem mente, ela desvia ou ri. No caso do texto da Janaína Amado, o que ela diz? Ela diz que fez entrevistas sobre o movimento camponês que aconteceu na década de 1950 em Goiás e uma das pessoas que ela entrevistou ficava citando Dom Quixote, ele ia contando as histórias e recitando Dom Quixote, colocando no lugar dos dois personagens principais [Dom Quixote e Sancho Pança], ele mesmo e o outro líder. Ela achou que aquilo não servia para a dissertação dela, ou para a tese, ou para o trabalho que ela estava fazendo. E pronto. E depois ela foi ver, e o que aquela entrevista documentava? É aí que eu acho interessante: não é nem mentira, né? O que aquela entrevista documentava? Outra coisa que ela não estava nem prestando atenção. Aquela entrevista estava documentando como a recepção do Dom Quixote em Goiás foi forte, porque aquele líder camponês conseguia recitar inteiro o Dom Quixote, substituindo os personagens. E aí ela foi atrás e descobriu que, no século XVIII, o Dom Quixote era lido em praça pública em diferentes lugares, paróquias, em Goiás, e que isso acabou entrando na tradição oral. Ou seja, essa entrevista, ela documenta outra coisa. E documenta coisas riquíssimas para as quais ela não estava atentando naquele momento. Então eu acho que é por isso que a gente tem que estar aberta. É claro que a gente não está sempre aberta. Tem horas que a gente bota na gaveta e acha que não vai servir, mas depois você vai ver, estando aberto de novo, e vai observar outras coisas.

**JL** – É muito interessante essa questão da escolha dos narradores! Às vezes você escolhe o narrador pensando em um objetivo e acaba vendo que ele vai lhe inspirar outros objetos. Como é que se dá seu processo de escolha desses narradores? Como é essa aproximação como pesquisadora? A quantidade de narradores para trabalhar determinado objeto, como é que se dá isso?

**VA** – Tem até uma discussão dessas no manual.<sup>5</sup> Eu acho assim: tudo depende sempre do projeto de pesquisa. O que você quer fazer. Então eu vou pegar o exemplo da pesquisa sobre o Movimento Negro que eu fiz junto com um

---

5 Alberti (2004a).

colega, Amilcar Araujo Pereira, entre 2003 e 2007. A gente queria ouvir militantes do Movimento Negro de diferentes grupos e de diferentes estados e regiões do Brasil. A gente conseguiu sair do eixo Rio-São Paulo, onde já havia algumas pessoas fazendo entrevistas, e pegar movimento de mulheres negras, quilombolas e de pessoas que estavam lutando pelas cotas nas universidades. Isso porque naquele momento o nosso projeto visava isso. Queríamos trabalhar com diferentes visões, diferentes práticas e experiências do que seria o Movimento Negro. E aí a gente foi escolhendo os entrevistados pensando nisso. Mas sempre tem uma limitação de tempo e de orçamento. Então, nesse mesmo trabalho, o que a gente fazia? A gente ia a congressos, por exemplo, o Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, que houve em São Luís do Maranhão e também em Salvador. A gente foi para o congresso e lá a gente contatava as pessoas e dizia assim: "Olha, você que é líder do Movimento Negro aqui não sei aonde, ou em Brasília – enfim, em outro lugar que não fosse lá, né? –, você pode dar uma entrevista pra gente?". Então a gente conseguiu fazer entrevistas – porque a gente tinha pouco dinheiro – com mais pessoas porque a gente ia aos locais onde essas outras pessoas estavam reunidas. Claro que essas circunstâncias não eram ideais, porque nós estávamos limitados pelo pouco tempo que essa pessoa tinha. A gente encontrava uma salinha na universidade, um pouco improvisada. Às vezes a gente podia ter feito uma entrevista mais longa com aquela pessoa. Não tinha se preparado também para fazer aquela entrevista, mas foi assim que a gente conseguiu abarcar mais pessoas.

**JL** – Sobre a questão da tecnologia de gravação, que ampliou o horizonte de discussão para o pesquisador. Existem pessoas que se sentem mais inibidas diante das câmeras. E algumas outras, que são menos inibidas, acabam vestindo um personagem, se portam diferente, gesticulam de forma diferente e falam de forma diferente. Tem alguma possibilidade de superarmos esse problema de as pessoas tentarem vestir esse personagem para aparecer bem no vídeo?

**VA** – É aquilo que eu estava falando: a sensibilidade. Muitas vezes você chega para um entrevistado com um gravador desses e ele fala assim: "Ué, você não trouxe câmera?". Eu estou falando assim porque hoje em dia é tão comum ter coisas no YouTube, ter coisas filmadas, que, se você chega com uma coisa só de áudio, a pessoa também pode se decepcionar. Há uma expectativa. Ela tinha achado que a gravação ia ser em vídeo. "Como assim? Eu estou aqui

querendo aparecer”. Então, o que que acontece? Eu acho assim, que a gente tem que analisar sempre a circunstância em que a gente está. Se for em áudio, a pessoa também vai se comportar de determinada forma. Ela também produzirá um personagem para você, porque está gravando. Porque ela sabe que aquilo vai ser ouvido depois, em algum momento, na posteridade. Em primeiro lugar, porque é muito esquisito uma pessoa contar a sua vida para você. Você nunca viu essa pessoa, você vai perguntar: “Como é que foi a sua experiência? Você foi lá pra Brasília em 1959, o senhor foi de quê, de ônibus, não sei o quê...”. Se a pessoa vai contar para você, é porque ela já está de acordo com esse pacto que ela fez com você. Você já a atraiu para a sua pesquisa, e ela está de acordo, porque você não conta sua história de vida para qualquer pessoa. Você conta porque você acha que aquilo vai surtir um efeito no presente e no futuro. Uma vez que a minha memória, minha história de vida, minhas lembranças são consideradas importantes por pesquisadores da universidade, então eu vou também produzir uma determinada narrativa. Então é por isso que é importante a gente ter esse viés de antropólogo. A gente tem que perceber o quanto essa construção de si influi na entrevista. Uma vez eu assisti a uma palestra do Eduardo Coutinho,<sup>6</sup> que é um documentarista, que fez um filme chamado *Edifício Master*, e também *Cabra marcado para morrer*. Aí ele diz assim: “Ah, a pessoa que se apresenta no documentário para falar, ela está falsa? Não, ela é uma pessoa que está no documentário para falar”. É assim que a gente tem que ver. Quer dizer, eu aqui, falando com vocês, tem dois gravadores, estou falsa? Não. Eu sou Verena, falando com vocês, com dois gravadores, sabendo que essa entrevista vai ser usada, e não sei o quê... Então eu me construo nesse momento, e assim como uma pessoa que está falando em um documentário também vai se construir. Ela vai criar um personagem. Se não a gente não aguentava viver, se a gente não pudesse criar personagens nas nossas diferentes atividades. Quando eu estou em sala de aula, com os meus meninos do ensino médio, eu sou uma personagem. Se eu estou em casa cozinhando, também. Eu acho que a gente tem que ter essa sensibilidade para perceber isso. Então não é falsidade, porque vocês mesmo, quando chamam uma pessoa para entrevistar e dão essas regras do jogo (vai ser gravado, seja em áudio, seja em vídeo), vocês já estão construindo um personagem junto.

---

6 Eduardo de Oliveira Coutinho (São Paulo, 11 de maio de 1933 – Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 2014) foi um cineasta e jornalista brasileiro. É considerado por muitos como um dos maiores documentaristas da história do cinema do Brasil.

CA – Eu queria, por favor, que você falasse um pouquinho mais sobre o uso da história oral em sala de aula, que eu acho que ainda é um grande desafio. Principalmente em escolas públicas, uma realidade diversa da escola particular.

VA – O professor de história tem, seja em escola pública, seja em escola privada, a limitação do tempo, quer dizer, tem o tempo exíguo. A direção da escola, os pais e os alunos esperam que eu cumpra um programa. A gente, lamentavelmente, ainda está submetida a programas conteudistas. Então, a brecha que fica para o professor trabalhar a história oral, a memória, é pequena, mas eu acho que ele precisa trabalhar. Eu conheço pessoas no ensino fundamental de várias escolas que trabalham com a questão das biografias dos familiares. Eu acho que isso é uma prática que pode ser feita na escola pública também. E eu acho que talvez no ensino fundamental seja mais tranquilo de fazer isso, porque “Ah, conversa com seus pais, com seus avós, com seus tios, pergunta como não sei o que, como é que era esse bairro”, né? E eles fazem, e eu acho que tem espaço. E os pais não acham ruim que isso seja feito nesse momento da vida da criança. Se eu fizer isso com os meus meninos do ensino médio, os pais vão achar ruim, porque “Como assim, está perguntando coisas? E a matéria? E a matéria que os meninos têm que terminar? Tem que fazer Enem,<sup>7</sup> tem que não sei o quê”. Então, parece que você “perde tempo”, com muitas aspas, quando você trabalha essas coisas mais. E no ensino fundamental, eu tenho a impressão que é mais possível disso acontecer porque tanto pais quanto colegas e direção escolar entendem que você está formando a criança na questão da história local, da memória e tudo o mais. Eu acho importante também porque propõe à criança um desafio de pesquisa. Se você montar um projeto bem montado com crianças e adolescentes... é claro que eu não preciso dar o *Manual de história oral*<sup>8</sup> pra eles lerem. Mas pensando nas diferentes questões que precisam ser pensadas quando se faz uma entrevista: “O que que a gente vai fazer com essa entrevista depois?”; “A gente vai fazer uma exposição?”; ou mesmo você chamar uma pessoa idosa para falar em sala de aula, isso já é uma prática de ouvir experiências dos mais velhos que pode ser ligada à história oral. Mas eu acho que tudo isso tem que ser

7 Exame Nacional do Ensino Médio, avaliação anual aplicada pelo Ministério da Educação, usada como método de seleção por diversas universidades públicas e privadas no Brasil.

8 Alberti (2004a).

feito preparado. A grande questão é essa: como o professor trabalha em muitas escolas para conseguir sobreviver, ele pouco tem tempo de preparar uma coisa com rigor e responsabilidade, em vez de falar assim: “Vão lá entrevistar o pai e a mãe”. Eu fico com muito medo também: “Faça uma pesquisa sobre isso e traga!”. Onde o estudante vai pesquisar? E se ele trouxer aquilo que eu não quero de jeito nenhum que seja trazido para sala de aula? Como é que eu vou lidar com essas coisas? Então a gente tem que estar sempre preparando os passos que os nossos alunos e alunas vão dar, mas sem limitar, seria oferecer uma orientação de produção de conhecimento. Que as pessoas mesmas possam produzir o conhecimento, mas de acordo com determinadas diretrizes. E aí você pode fazer um trabalho de história local, de conversa com mais velhos, e tudo o mais. Eu uso, algumas vezes, nas minhas aulas, entrevistas que eu consigo do acervo do CPDOC – trechos de entrevistas, porque a gente não consegue trabalhar em sala de aula a entrevista inteira. Você disse, com razão, que a gente precisa analisar a entrevista inteira, mas não tem tempo. Então quando eu converso com meus alunos sobre o quilombo, trago, por exemplo, entrevista com uma líder quilombola. Ao mesmo tempo em que eu estou trabalhando com esses trechos de entrevistas, eu também trabalho com aquelas perguntas, “Quem fez?”, “Por quê?”, “Pra quê?”, para que eles aprendam a se aproximar dos discursos – sejam de entrevistas, sejam do Jornal Nacional, seja artigo de jornal, seja uma fonte documental – dessa forma: eles entendem que devem se aproximar dessa fonte fazendo essas perguntas, se perguntando sobre o contexto de produção dessa fonte. Então o que eu faço quando eu trago esses trechos de entrevista? Eu começo a mostrar e digo assim: “Assim que vocês tiverem uma pergunta sobre isso que vocês vão ver, me falem”. Então eu boto uma pessoa começando a falar do meio, uma parte que eu acho que é importante, e espero deles que eles me perguntem: “Quem é essa pessoa?”, “Para quem que ela está falando?”, “Por quê?”, “Em que contexto?”, “Quando?”. E que essas perguntas sejam deles. Demora um pouco, mas eles vão fazer. Como eu falei, quando a gente é professor, vai aplicando esses métodos em diferentes momentos, para que daqui a pouco eles saibam: “Ah! Eu preciso perguntar isso”. Então se torna automático.

**CA** – Sobre a questão dos arquivos. Como você vê a contribuição dos arquivos, principalmente de arquivos de história oral, que disponibilizam entrevistas?

**JL** – E como vê a questão da utilização das entrevistas feitas por terceiros? Porque elas são produzidas a partir da construção da relação do pesquisador com o narrador. Como é que um pesquisador, um terceiro elemento nesse contexto, deve se portar diante de um material assim, do qual não participou da produção?

**VA** – Assim como ele faz com qualquer fonte. Quer dizer, é claro que quando eu vou ouvir uma entrevista que eu não fiz, que eu não acompanhei o processo, não sei qual é o contexto, eu vou me perguntar por que que foi feita a entrevista, em que contexto, e às vezes eu não tenho respostas para essas perguntas. Então o meu aproveitamento daquela fonte vai ficar um pouco restrito, mas eu talvez encontre ali alguma coisa nessa fonte que assim mesmo me permita fazer afirmações sobre o passado a partir do que ela me diz. Mas é assim, como qualquer coisa, se eu me aproximar de um arquivo de texto. Se eu encontrar uma carta, uma carta solta, eu vou ter que me perguntar que carta é essa, como é que ela foi parar ali, que eu acho que é fundamental. Que é aquela história do Le Goff, “documento-monumento”.<sup>9</sup> Como é que os documentos se transformam em documentos de arquivo? Por que é que eles foram guardados? Isso tudo tem que estar junto da minha pergunta dessas entrevistas, que são de terceiros e eu vou consultar.

**JL** – Para finalizar, qual seria sua definição de história oral? A sua visão... E a importância dela pra pesquisa científica?

**CA** – Atualizando para 2017, quais são os desafios da história oral para o século XXI nesse contexto de crise humanitária, digamos assim?

**VA** – Eu acho que os desafios continuam os mesmos. Da ética, de você se aproximar do seu entrevistado ou da sua entrevistada. Considerando tudo o que está implicado ali naquela relação, de você tratar o documento, de você pensar nas expectativas que os seus entrevistados, as suas entrevistadas, têm a respeito daquele documento. Os desafios continuam sendo os mesmos, os mesmos: de produção de fontes para o estudo da história. E essas fontes estarão disponíveis para outras pessoas, né? Então, assim, se vocês me perguntarem também da riqueza da história oral, além dos desafios... o que que

---

9 Le Goff (1996).

a história oral pode nos oferecer? Eu acho que continua sendo também a pluralidade de narrativas sobre o passado, sobre experiências. Pluralidade essa que não pode ser vista sem... “Ah! O fulano me falou, isto é verdade”, “O que o fulano me falou é verdade”. E sim são narrativas que precisam ser analisadas. E aí, uma pergunta que sempre tem me ajudado muito, seja com história oral, seja com outras fontes, é “O que este documento documenta?”, “O que que essa entrevista está documentando?”. No caso das entrevistas que a Janaína Amado fez com aquele líder camponês, o que a entrevista documenta? Ela documenta a difusão do Dom Quixote no estado de Goiás. Muitas vezes ela não documenta aquilo que você está esperando. Então você precisa saber desviar o olhar, você precisa estar aberto para ver outras coisas. Essa é a pergunta que eu acho que é bom a gente fazer sempre. E aí, o que ela documenta? Ela documenta aquilo que o entrevistado e a entrevistada querem fazer ver. Ou às vezes não. Às vezes você está ali tão presa vendo, tão imersa naquela entrevista, que você começa a ver coisas que talvez nem o entrevistado nem a entrevistada quisessem dizer. E essa que deve ser a sua pergunta, não só para a história oral como para qualquer documento.

**CA** – E os objetivos e objetos continuam os mesmos? A gente sabe que a história oral também abarca diferentes classes. Ela não se ocupa apenas das classes populares. Nós percebemos que tem uma linha da história oral que trabalha mais com o popular, com as pessoas mais simples, e existe também outro lado, que tem como fontes entrevistas ligadas às elites. Então a gente percebe que há um campo maior da história oral...

**VA** – Eu acho assim, você entrevista a elite. Essa entrevista que eu mostrei, do José Gregori, feita pela professora Dulce Pandolfi e pela professora Ângela Moreira<sup>10</sup> – porque elas têm determinadas questões a respeito da justiça de transição, da transição da ditadura para a democracia, e ele foi uma peça fundamental ali na produção da lei, dos desaparecidos políticos, da Comissão de Anistia... Então você entrevista, mesmo sendo uma pessoa de elite, porque você está interessado em um tema. E você pode fazer uma história de vida com essa pessoa, mas o que te leva a ela é aquele tema que ela pode explicar

---

10 No âmbito do projeto *Arqueologia da reconciliação: formulação, aplicação e recepção de políticas públicas relativas à violação de direitos humanos durante a ditadura militar*, promovido pelo CPDOC/FGV a partir de 2014.

melhor. Pode explicar a sua experiência fazendo parte daquele movimento. Porque eu acho que, seja das elites, seja das classes populares, o que a história oral me permite ver é a experiência do indivíduo dentro da história. Aí eu torno a história mais concreta. Por isso que o meu texto se chama *Histórias dentro da história*.<sup>11</sup> Como nesse trechinho pequeno que eu mostrei hoje, esses dois trechinhos, mostram como aquelas pessoas ali, naquele 31 de março, 1º de abril, estavam preocupadas em não deixar que o governo João Goulart caísse. Que tipo de ações elas empreenderam? É claro que ele poderia ter escrito uma memória, uma autobiografia... Talvez isso já fosse suficiente para eu responder minha pergunta. Mas se ele não respondeu, se aquilo não é suficiente, eu devo fazer uma entrevista, se eu tiver tempo e dinheiro, eu devo fazer entrevistas com as pessoas, mesmo sendo da elite.

CA – Muito obrigada!

JL – Muito obrigado pelo tempo! Vai ser realmente muito útil para os nossos novos pesquisadores, que, como a gente, estão aprendendo e têm muito a aprender ainda. Muito obrigado, professora!

VA – E têm muito a ensinar, também. Obrigada a vocês!

## Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fon-tes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

\_\_\_\_\_. Manual de história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004b.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf)>. Acesso em: 7 jul. 2017.

GREGORI, José. [maio 2009]. Entrevistadores: Ângela Moreira e Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro, RJ, 25 maio 2009. Entrevista concedida ao projeto *Arqueologia da reconciliação*:

---

11 Alberti (2005).

*formulação, aplicação e recepção de políticas públicas relativas à violação de direitos humanos durante a ditadura militar*. CPDOC/FGV, 2009. [vídeo].

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 67-71. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/2k2mb>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

SANTANA, Marco Aurélio; ALBERTI, Verena. Entrevista com Marieta M. Ferreira. *História Oral*, v. 4, p. 165-176, 2001. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=42&path%5B%5D=36>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

**Resumo:** Uma das mais renomadas pesquisadoras brasileiras compartilha um pouco de conhecimento e experiência nesta breve entrevista, na qual fala sobre método, dificuldades e possibilidades oferecidas pela história oral, que ganhou destaque nas últimas décadas por apontar um caminho produtivo para as mais diferentes áreas do conhecimento. Mais do que oferecer um relato de sua trajetória, Verena Alberti apresenta o leitor com uma verdadeira aula sobre como utilizar a história oral para a produção científica.

**Palavras-chave:** História oral. Pesquisa. Entrevista. Transcrição.

**“What is this interview documenting?”: an interview with Professor Verena Alberti**

**Abstract:** One of the most renowned Brazilian researchers shares a little knowledge and experience in this brief interview, in which she talks about method, difficulties and possibilities offered by oral history, which has gained prominence in the last decades for pointing out a productive path for various areas of knowledge. More than an account on her trajectory, Verena Alberti presents the reader with a real lesson on how to use oral history for scientific production.

**Keywords:** Oral history. Research. Interview. Transcription.

Recebido em 30/07/2017

Aprovado em 18/10/2017